

OS SONHOS DE EDUCAÇÃO: REFLEXÕES ACERCA DO PROJETO DICIONÁRIO DOS SONHOS

TATIANI MÜLLER KOHLS¹; BRUNA BORGES RODRIGUES²; DENISE MARCOS
BUSSOLETTI³

¹Universidade Federal de Pelotas – tatianimuller@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – brubsrodriguesr13@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – denisebussoletti@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta algumas reflexões sobre o projeto de extensão e pesquisa Dicionário dos Sonhos, vinculado ao Núcleo de Arte, Linguagem e Subjetividade (NALS) e ao Programa de Educação Tutorial (PET) Fronteiras: saberes e práticas populares da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). O projeto é desenvolvido desde 2016 em escolas da rede pública de ensino na cidade de Pelotas, pelas integrantes do projeto.

O Dicionário dos Sonhos surge como um projeto de extensão, que busca pensar as infâncias e os sonhos como uma crítica da cultura, apoiado teoricamente a partir das contribuições de Walter Benjamin (1994, 2006, 2013), que diz que “sonhar é capturar as aparências (*Erscheinungen*) em seu mais puro sentido” (BENJAMIN, *apud* BRETAS, 2008, p.17), assim, buscamos através das infâncias captar esse sentido puro dos sonhos, entendendo o sonho como sonho acordado e que nos remete ao futuro. Partimos ainda das contribuições da sociologia da infância, de Manuel Sarmiento (2004, 2005), que entende a criança como produtora da cultura, que interage e constrói a sociedade, e afirma: “as crianças “[...] têm capacidade de formularem interpretações da sociedade, dos outros e de si próprios, da natureza, dos pensamentos e dos sentimentos, de o fazerem de modo distinto e de o usarem para lidar com tudo o que as rodeia” (SARMENTO, 2005, p. 373). Nos baseamos também em Paulo Freire (1992, p.91-92) que afirma que o sonho “faz parte da natureza humana” e que “não há mudança sem sonho”.

O NALS e o PET Fronteiras, são projetos que em sua base visam articular a extensão, o ensino e a pesquisa, atuando em comunidades periféricas, promovendo ações voltadas para a diversidade social e cultural, bem como, utilizando-se da experimentação artística como um modo de pensar e construir novos conhecimentos (BUSSOLETTI, VARGAS, 2014).

Assim, apresentaremos algumas reflexões que partem do desenvolvimento do projeto Dicionário dos Sonhos, olhando para os sonhos e a para a educação pelas narrativas das crianças, pensando e defendendo estéticas que sejam sensíveis, e os sonhos como um lugar possível de ruptura na busca de um mundo e uma educação mais humanizada, pois ao ouvir uma criança, podemos retomar sobre outros ângulos a crítica sobre a sociedade e cultura em que vivemos.

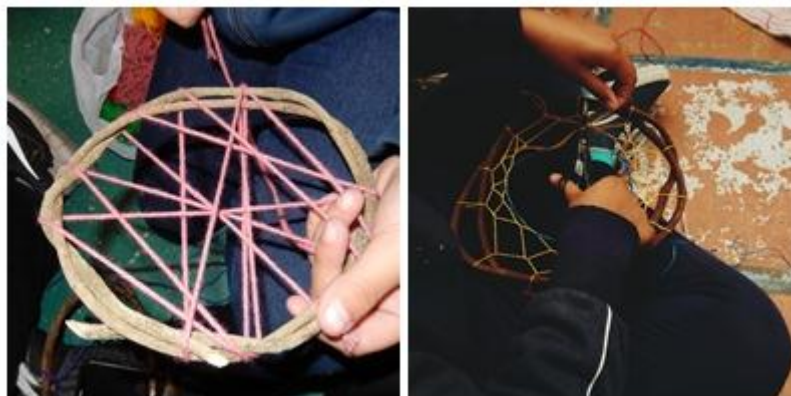
2. METODOLOGIA

A proposta metodológica desenvolvida nas oficinas do projeto Dicionário dos Sonhos parte de uma proposição artística, com oficinas de filtro dos sonhos, artefato de origem indígena norte-americana, que segundo a lenda teria a função

de atrair boas energias durante a noite, visando uma aproximação com o universo infantil, acerca de pensar sobre os sonhos nas infâncias.

Esta metodologia foi desenvolvida na dissertação de mestrado *Tramando Sonhos: infâncias e representações*, que resultada desse projeto, e teve como objetivo “acessar e permitir a reflexão sobre as representações oníricas infantis e as múltiplas formas que as crianças possuem de ver e entender o mundo” (KOHLS, 2018, p. 09).

Figura 1. Oficina de filtro dos sonhos.



Fonte: Arquivo NALS, 2017.

Assim, durante as oficinas, é construído o filtro dos sonhos e conversamos livremente com as crianças sobre seus sonhos futuros, e as narrativas vão surgindo, de forma escrita ou falada. Foram desenvolvidas uma oficina por semana, durante um período de 6 meses, com crianças de zonas periféricas da cidade de Pelotas, com idade entre 8 a 11 anos.

Em um determinado momento dos encontros, foi trabalhado os conteúdos da relação entre sonhos, escola e educação. E o que vem a seguir é parte dos resultados que encontramos nesse processo. As falas das crianças serão apresentadas como uma narrativa única, tentando deixar o mais próximo e mais fiel ao que elas tentaram dizer.

A construção do texto que segue, com as narrativas das crianças, faz parte de uma concepção estética, amparada nas metodologias que desenvolvemos (BUSSOLETTI, VARGAS, 2014). O apresentamos na forma de fragmento, baseados em Benjamin: "Método deste trabalho: montagem literária. Não tenho nada a dizer. Somente a mostrar. [...] Porém, os farrapos, os resíduos: não quero inventá-los, e sim fazer-lhes justiça da única maneira possível: utilizando-os (BENJAMIN, 2006, p. 502 [N 1a,8]). Diante dessa perspectiva, utilizamos os resíduos e farrapos encontrados nas falas das crianças, articulando-os com os sonhos futuros, que emergem desta proposição do fazer artístico e sensível.

Salientamos ainda, que o nome da escola e das crianças que participaram das oficinas serão preservados através do anônimo, respeitando os princípios éticos que devem reger as práticas extensionistas, bem como, do uso de imagens, das quais serão utilizadas para publicação ou divulgação do projeto apenas aquelas que não identifiquem as crianças.

Por fim, dentro das concepções metodológicas que defendemos, apontamos para a importância de atividades de extensão em contextos sociais e culturais periféricos e marginalizados, visando a reflexão sobre o papel da educação e o lugar ocupado pela infância, tomando o sonho como fio narrativo para esta crítica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escola do sonho...

Minha escola do sonho seria com todo mundo que está aqui, seria uma escola bem grande, com um monte de geladeira com sorvete e quem quisesse poderia ir ali e pegar e teria uma piscina bem gelada no pátio. E a gente ia poder fazer tudo que a gente quisesse. O meu sonho era a gente nascer já sabendo tudo. Mas eu queria mesmo é que a escola fosse de sorvete e que tivesse piscina de chão e que tivesse uma diretora boazinha, ou que a diretora fosse eu. E eu queria que tu fosse a minha professora, e que tivesse refrigerante e piquenique todo dia e um pátio para brincar. E as aulas seriam só copiar um trecho do conteúdo. A minha escola do sonho é que no final do ano a gente pedir o que a gente quisesse e a gente poderia trazer celular, tablet, notebook, trazer lanche. E ia ter aula de natação e dança das fitas. E também, não esquece do sorvete, uma piscina de sorvete. E não existiria professoras, só as professoras boas.

O texto acima é um fragmento com as falas do que as crianças entendem como escola e educação. O sonho de escola se apresenta como um lugar livre onde o brincar reina, e não seria possível aprender brincando? O sorvete é um elemento que aparece diversas vezes, assim como a piscina. Se o sonho é algo futuro, teriam essas crianças acesso a sorvetes e piscinas? Copiar só um trecho do conteúdo e ter boas professoras faz parte também desses sonhos... ou estariam mais vinculados a uma crítica de como a escola tem se portado?

A partir desses olhares das infâncias podemos problematizar e pensar o sonho como um momento de reflexão, denúncia e crítica social e cultural. Essa narrativa nos faz pensar e olhar para a escola como um reflexo de nós mesmos. Sonhamos com mudanças e as crianças veem nos alertar sobre os problemas do cotidiano que às vezes esquecemos.

Diante de narrativas como essa, nos propomos olhar a sociedade através dos sonhos e das infâncias de forma crítica, assim como salienta Freire (1992, 2001), que aponta para uma educação e um mundo mais humanizado. Solange Jobim e Souza (2009) também ressalta a importância de ouvir as crianças, e a partir dos olhares das infâncias, retomar a crítica sobre o mal-estar em que vivemos.

Desse modo a extensão se mostra como fundamental nesse processo de reflexão e crítica, contribuindo para a construção de práticas que nos aproximem do universo infantil e do acesso às gramáticas das culturas e representações infantis (SARMENTO, 2005).

4. CONCLUSÕES

Salientamos que as propostas de extensão desenvolvidas pelo NALS e PET Fronteiras contribuem no desenvolvimento de ações que visam a diversidade social e cultural e promovem a troca de conhecimento entre a universidade e a comunidade local. Além disso, acreditamos na indissociabilidade entre extensão, ensino e pesquisa, e assim, articulamos um trabalho interdisciplinar, submetido ao processo de prática e reflexão teórica.

Como considerações finais ressaltamos a importância do projeto Dicionário dos Sonhos, que vem sendo desenvolvido na perspectiva de olhar e ouvir o que as crianças ainda podem nos dizer sobre o mundo e sobre a realidade em que estão inseridas, tendo o sonho como fio narrativo. Acreditamos e defendemos abordagens diferenciadas em nossas ações, como a proposta de experimentação e proposição artística, como meio de aproximação às infâncias, visando práticas que prezem pelo reconhecimento e que sejam sensíveis no contexto em que a oficina será desenvolvida.

Por fim, ao ouvir o que as crianças podem nos dizer sobre os sonhos de educação, apontamos para a reflexão e urgência de perspectivas teóricas mais humanizadoras, sensíveis, críticas e que possam ser mais abertas ao que nos contam os sonhos das crianças.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v. 1).

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única – Infância berlinense**: 1900. Belo Horizonte: Autêntica, 2013b.

BUSSOLETTI, Denise Marcos; VARGAS, Vagner de Souza. Por entre fronteiras de uma pedagogia que pauta a educação pelas artes gingando saberes e práticas populares. **Extraprensa**, São Paulo, ano 8, nº 4, p. 41–48, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Notas de Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. Ana Maria Araújo Freire - organizadora. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

JOBIM E SOUZA, Solange. **Infância e linguagem**: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin. Campinas, SP: Papirus, 2009.

KOHL, Tatiani Müller. **Tramando sonhos**: infâncias e representações. 2018. 133f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade. In: Sarmento, M. e Cerisara, A. **Crianças e Miúdos**: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto: Edições ASA, 2004.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 361-378, 2005.